

O estatuto do heteropessimismo na cultura pop contemporânea: uma análise de *Fleabag*^[1]

The status of heteropessimism in contemporary pop culture: an analysis of Fleabag

BRUNO REIS/JURU

Cineasta, dramaturgista em dança e doutore em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Faz parte do grupo de pesquisa LabCrítica da UFRJ e do grupo de estudos Héteras Trágicas. Diretores do longa-metragem Salão de Baile (2024), com Vitã.

THALITA BASTOS

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense e professora na Universidade Veiga de Almeida e no Centro Universitário Augusto Motta. Faz parte do NEX - Núcleo de Estudos de Excesso nas Narrativas Audiovisuais (PPGCINE/UFF), do Núcleo Subversa - Núcleo de Pesquisa em Gênero, Mídia e Potências Subversivas (ECO-UFRJ) e do grupo de estudos Héteras Trágicas.

RESUMO

Pode a mulher hétero sofrer? A relação entre a tragédia da heterossexualidade, o paradoxo da misoginia e o heteropessimismo feminino são a chave de análise para obras audiovisuais da cultura pop contemporânea. Este trabalho propõe refletir sobre como o heteropessimismo não necessariamente produz uma solução para a crise da heterossexualidade, mas aponta seus pontos conflituosos e ensaia alternativas de existências dissidentes, fora da heterossexualidade. Para tal, serão desenvolvidas noções de heteropessimismo ou heterofatalismo, heteronormatividade, performances da masculinidade e da feminilidade, a partir de um recorte dos Estudos Críticos da Heterossexualidade. Para pensar esses elementos, será analisada a série britânica *Fleabag* tanto em seus modos de endereçamento, como também na recepção dela, tornando-se uma das principais referências contemporâneas na cultura pop da tragédia feminina nas relações afetivo-sexuais.

Palavras-chave: heteropessimismo, heterossexualidade, estudos queer, *Fleabag*.

ABSTRACT

Can a straight woman suffer? The relationship between the tragedy of heterosexuality, the paradox of misogyny and female heteropessimism are the key to analysis for audiovisual works of contemporary pop culture. This work proposes to reflect on how heteropessimism does not necessarily produce a solution to the crisis of heterosexuality but points out its conflicting points and rehearses alternative dissident existences, outside of heterosexuality. To this end, the notions of heteropessimism or heterofatalism, heteronormativity, performances of masculinity and femininity will be developed, from a perspective of Critical Studies of Heterosexuality. The British series *Fleabag* will be analyzed to think about these elements both in its ways of addressing the subject within the narrative, as well as in its reception, becoming one of the main contemporary references in pop culture of the female tragedy in affective-sexual relationships.

Keywords: heteropessimism, heterosexuality, queer studies, *Fleabag*.

INTRODUÇÃO

Praticamente Toda mulher hetero cis já passou por situações de descontentamento com a heterossexualidade e se viu atravessada pelo questionamento: por que permanecer vinculada a heterossexualidade se ela claramente é uma das suas principais fontes de sofrimento? Dentro do contexto dos estudos de gênero e queer existem subdivisões que buscam endereçar não apenas as dissidências, mas aquilo que a sociedade ocidental tradicionalmente lê como norma. Olhar para a heterossexualidade de forma crítica é reproduzir o movimento dos estudos da branquitude e das masculinidades, ou seja, colocar sob a lente analítica um conjunto de comportamentos e práticas socioculturais.

A reflexão proposta por esse artigo se localiza na interseção entre os campos de Estudos Críticos da Heterossexualidade, os Estudos Queer e os Estudos de Cinema e Audiovisual. É um exercício de olhar, a partir da cultura pop audiovisual, para as respostas produzidas sobre a crise da heterossexualidade e aos arroubos de sobrevivência de uma masculinidade hegemônica, tóxica, sexista e patriarcal. A heteronormatividade regula não apenas as identidades queer, como também as identidades heterossexuais. Nas performances do feminino, há uma “feminilidade enfatizada” (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013), ou seja, um feminino que será o par dualista da masculinidade hegemônica. A masculinidade hegemônica, por sua vez, irá dizer da forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas e não-discursivas.

A cultura pop audiovisual é o principal palco em que esses valores - patriarcais, racistas e colonialistas - se encontram para performar comportamentos, visões de mundo, angústias, viradas epistemológicas, normas e as próprias alternativas a essas normas. Relutâncias e resistências. Obras da cultura pop como a série britânica *Fleabag* (2016-2019), *I May Destroy You* (2020) a aclamada série *The White Lotus* (2021-2022), e filmes como *Promising Young Woman* (2021), *Como sobreviver a um fora* (2018) e *A Pior pessoa do mundo* (2021) trazem para o centro do debate não apenas as relações heterossexuais, mas os meandros dessas relações, os conflitos no contexto contemporâneo a partir das mudanças produzidas pela disseminação dos estudos queer e das terceira e quarta ondas do feminismo. Estou falando do paradoxo da misoginia, da tragédia da heterossexualidade (Jane Ward, 2020), da masculinidade hegemônica (Connell e Messerschmidt, 2013) e do *heteropessimismo* ou *heterofatalismo* (Seresin, 2019). Neste trabalho iremos focar na série *Fleabag* (2019).

A partir do aprofundamento na análise da série britânica, busca-se apontar as ambiguidades do discurso heteropessimista. Este seria um processo de desidentificação com a heterossexualidade vivenciado majoritariamente por mulheres, que expressam para seus amigos *cuir* sua insatisfação e seu desejo de abandonar a heterossexualidade. Entretanto,

a acomodação com o lugar seguro proporcionado pela heterossexualidade na sociedade patriarcal capitalista contemporânea é maior que o incômodo provocado por essa existência hétero. O heteropessimismo feminino oculta a saída possível, de se abrir para fora do universo heterossexual, algo que não é considerado pela maioria das mulheres afligidas por esse mal contemporâneo, pois o desejo de pertencimento e o desejo pela própria heterossexualidade é maior que o descontentamento causado por ela.

Tais configurações sinalizam para um questionamento constante e cada vez mais frequente sobre as diferentes performances da heterossexualidade e seus padrões. Como eles precisam ser pensados, problematizados não apenas por pessoas cuir, mas pelos próprios heterossexuais. Essa reflexão, dentro do contexto dos estudos queer, é importante não apenas para desmistificar a aura de normalidade que historicamente ronda a heterossexualidade, mas também para pensar outras formas de existências hétero, não normativas, não hegemônicas. Arranjos que crescem em meio às fissuras da sociedade heteropatriarcal.

HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA E A CIS-HETERONORMATIVIDADE

Dois conceitos que ajudaram sobremaneira no estabelecimento das bases teóricas da análise crítica sobre a heterossexualidade são os conceitos de heterossexualidade compulsória (RICH, 2010) e de heteronormatividade (WARNER, 1993). Ambos os conceitos tentam articular de que maneira a heterossexualidade é produzida enquanto norma e de que forma ela está imbricada em inúmeras instituições e campos do saber que permitem a sua perpetuação e estabilidade.

Em *Heterossexualidade Compulsória e a Existência Lésbica* (1980), a poeta e ensaísta estadunidense Adrienne Rich argumenta que a heterossexualidade é uma instituição política imposta às mulheres por meio de pressão e coerção. Rich critica o modelo construcionista-social freudiano, que sugere, segundo ela, que a heterossexualidade é uma espécie de escolha. A autora argumenta que a teoria psicanalítica oblitera o fato de que as mulheres são submetidas a uma pressão social generalizada para se tornarem e/ou se entenderem como heterossexuais.

Rich afirma ainda que a ideia de que a heterossexualidade é uma inclinação natural de todas as mulheres dificulta a aliança política entre essas mesmas mulheres, além de produzir um apagamento dos relacionamentos íntimos e de apoio feminino que existem apesar da heterossexualidade compulsória, os quais a linguista nomeia como “continuum lésbico” (2010, p. 35). Esse “continuum” não significa exatamente uma prática ou tensão sexual, mas um laço de

afeto entre mulheres que existe apesar de todo o machismo estrutural. Rich afirma que para o rompimento com essa forma de opressão é necessário justamente fortalecer essa ligação entre mulheres que é obliterada pelo patriarcado e a heterossexualidade compulsória.

Uma observação interessante, porém, é a do historiador queer americano Jonathan Ned Katz (1996), que afirma que o termo heterossexualidade compulsória é problemático porque tal expressão parece sugerir a possibilidade de uma "heterossexualidade liberada". O historiador elabora tal crítica argumentando que "sempre que heterossexual e homossexual operam como uma distinção social dominante impõem às pessoas um ou outro desses dois erotismos relativos aos sexos - ou uma combinação bissexual. Qualquer separação que a sociedade faça de heterossexual e homossexual é compulsória" (1996, p. 166). A expressão heterossexualidade compulsória, afirma Katz, é redundante.

O sociólogo Steven Seidman (2020), por sua vez, afirma que o conceito de heterossexualidade compulsória supõe pouco espaço para agência dos indivíduos e que ele não dá conta de como a norma social é negociada na vida cotidiana. Citando Butler (2013, 2019), Seidman afirma que as identificações psicológicas dos indivíduos frequentemente se movem fluidamente entre idealizações dos gêneros masculino e feminino. Apesar das normas binárias de gênero terem força reguladora na vida social, as práticas individuais exibem padrões incongruentes e performances potencialmente subversivas das normas de gênero.

Ao contrário da heterossexualidade compulsória, o conceito de heteronormatividade, desenvolvido nos anos 1990 a partir do trabalho de Michael Warner (1993), apostava menos na hipótese repressiva como formulada por Adrienne Rich e mais na idéia de que a regulação da sexualidade era promovida através das representações culturais. Esse posicionamento, apesar de no limite parecer despolitizante, ajuda a trazer algumas nuances sobre o modo como a identidade heterossexual e suas dissidências são reguladas. Segundo Warner, heteronormatividade é uma ideologia que estabelece a heterossexualidade como o padrão aceitável, o que faz com que as identidades *cuir* sejam subalternizadas. Essa ideologia também leva à limitação do reconhecimento de diferentes formas de heterossexualidade e as hierarquias existentes entre elas.

Segundo o sociólogo americano Steven Seidman (2020), por sua vez, o modelo de identidade heteronormativo está ligado ainda a questões como a monogamia e a procriação, além de considerar a sexualidade como um assunto privado. Esse modelo ocupa uma posição de poder sobre práticas sexuais não-monogâmicas, não-casadas, não-procriativas, não-brancas e não-privadas na vida de homens e mulheres heterossexuais e também de pessoas queer, uma vez que não atende ao ideal normativo de heterossexualidade. Nesse sentido, é importante investigar de que forma diferentes sujeitos e sujeitas lidam com outros atravessamentos de identidade além da sua sexualidade.

Dessa mesma forma, é importante ressaltar como o conceito de cisgeneridade e heterossexualidade se relacionam de forma extremamente intrincada. A antropóloga americana Gayle Rubin (2017), já havia chamado atenção para o fato de que não é possível pensar gênero e sexualidade de forma apartada. Segundo ela, o sistema de sexo/gênero do patriarcado é alicerçado na produção de duas categorias de sujeitos. Pessoas do sexo feminino são consideradas “mulheres” e aquelas do sexo masculino são “homens”. Esse sistema, porém, não funda apenas essas duas categorias de sujeito, mas afirma que ambos têm como destino a formação de um casal heterossexual, o qual deverá procriar e funcionar como “célula base” da sociedade, ou aquilo que chamamos de família nuclear.

A produção da inteligibilidade cultural dos sujeitos homem e mulher, afirma a antropóloga, se dá ao mesmo tempo em que se assinala a heterossexualidade enquanto destino inevitável desses dois tipos ideais de sujeito. Se a pesquisadora não utilizava o termo cisgeneridade, cunhado mais recentemente por pesquisadoras e pesquisadores trans para descrever “a conformidade às expectativas hegemônicas de identificação do sujeito com o gênero com o qual foi designado ao nascer” (MOIRA, 2017; KAAS, 2016), esta noção parece complementar a seu raciocínio. A sociedade patriarcal deseja sempre produzir homens e mulheres cisgêneros e necessariamente heterossexuais. As duas operações se dão ao mesmo tempo. E, como afirma Butler (2013), essa produção é contínua, não simplesmente se nasce homem ou mulher, mas o gênero está o tempo todo sendo re-encenado, re-ativado, pois se trata de uma regulação do corpo que está em constante processo de atualização e demanda um engajamento tanto discursivo quanto corpóreo contínuo. Voltaremos um pouco mais à frente a essa questão.

HETEROPESSIMISMO OU HETEROFATALISMO

Ao discorrer sobre a noção de heterossexualidade compulsória, Adrienne Rich direciona suas colocações para como essa premissa de uma normalidade heterossexual atinge mulheres em suas vivências e expressões de afeto na relação com outras mulheres ao longo de suas vidas. As diferenças estabelecidas historicamente entre heterossexualidade e homossexualidade foram pensadas majoritariamente olhando apenas para os atores masculinos dessa identidade, visto que as mulheres não eram percebidas como seres sexuais, e inclusive rapidamente enquadradas como perversas ou doentes caso expressassem abertamente desejos sexuais de forma geral.

Esse resgate rápido nos ajuda a perceber que, ao pensarmos a heterossexualidade, estamos endereçando suas manifestações femininas e masculinas. Os Estudos das Masculinidades surgem para dar conta não apenas da existência de masculinidades hegemônicas, como também masculinidades dissidentes, de acordo com o contexto socioeconômico e cultural daqueles que se identificam como homens. O feminismo se projeta para questões políticas, sociais, culturais e raciais envolvendo aquelas que se identificam como mulheres, abarcando ainda pessoas não-binárias, e as variações das existências transgêneras. Entretanto, são as mulheres cis heterossexuais quem se relacionam mais frequentemente afetiva e sexualmente com os homens cis heterossexuais, e portanto são as principais invocadas a falar ou a serem questionadas em suas escolhas quando o assunto é a tragédia da heterossexualidade sinalizada por Jane Ward (2020) em seu livro de mesmo título.

Segundo a pesquisadora, a heterossexualidade configura-se enquanto um investimento em uma sexualidade normativa organizada em torno da ideia da atração por gêneros opostos. Ela não é, porém, um desejo surgido como desdobramento de diferenças binárias de gênero preexistentes, mas uma força que requer e produz a diferença binária de gênero. A heterossexualidade promove, ao mesmo tempo, o controle dos homens sobre as mulheres e a atração compartilhada por uma binariedade de gênero desigual. A cultura heterossexual, afirma a socióloga, erotiza o poder dos homens sobre as mulheres, o que proporciona a manutenção do patriarcado e frequentemente a naturalização da violência sexual e da opressão de gênero. Segundo Ward,

a tragédia da heterossexualidade não se resume ao tratamento ruim que os homens dedicam às mulheres, porque as pessoas queer às vezes também se tratam muito mal. A tragédia da heterossexualidade é a forma como ela é manipulada desde o início. A categoria em si foi definida por autoridades masculinas que acreditavam que o patriarcado era a ordem natural das coisas, e que continua sendo ancorada em uma cultura heterossexual que trata o egoísmo, a pretensão e a fragilidade dos homens como inevitáveis, e de alguma forma atraentes. A cultura heterossexual também gosta de tratar o antagonismo, o desgosto mútuo e a desconfiança como elementos excitantes e atraentes do desejo heterossexual. Todas essas coisas são vistas como parte do mistério da atração pelo sexo oposto.
^[2](BOIANOVSKY et al., 2023, p.134)

O conceito de paradoxo da misoginia cunhado pela autora nos traz um vislumbre do conflito enfrentado por homens e mulheres heterossexuais na medida em que a sociedade patriarcal capitalista estabelece que ambos precisam se relacionar sexualmente para fins de procriação, mas não apenas isso, precisam se amar e se respeitar. Enquanto para mulheres heterossexuais isso faz parte da pedagogia e socialização vivida desde a infância, para os homens heterossexuais tal demanda é conflitiva visto que seu aprendizado é voltado para odiar mulheres, tratá-las como subalternas e objetos, tendo apenas apreço e respeito para seu pares, homens cis heterossexuais, aquilo que Eve Sedgwick denominou de homossociabilidade. Os desentendimentos, insatisfações

e conflitos produzidos pela cultura hétero são inúmeros e acabam pesando com frequência para o lado feminino, pois é seu a obrigação de acatar, obedecer, aceitar e silenciar violências.

Em comparação com o passado, as mulheres heterossexuais podem verbalizar com muito mais liberdade seus descontentamentos. Talvez por isso é que só recentemente foi popularizado o termo *heteropessimismo* para descrever um certo comportamento, predominantemente feminino, perante às adversidades da vida heterossexual no século XXI. Em 2019 Asa Seresin, especialista em estudos de gênero dos Estados Unidos, publicou na revista virtual *The New Inquiry* um artigo intitulado *On Heteropessimism*, no qual apresenta uma definição do termo já amplamente aceita para aqueles que se debruçam sobre o tema. Segundo Seresin,

Heteropessimismo consiste em desfiliações performativas com a heterossexualidade, geralmente expressas na forma de arrependimento, constrangimento ou desesperança em relação à experiência heterossexual. O heteropessimismo geralmente tem um forte foco nos homens como a raiz do problema. O fato dessas desfiliações serem “performativas” não significa que sejam insinceras, mas sim que raramente são acompanhadas pelo abandono real da heterossexualidade.^[3](SERESIN, 2019).

Em outras palavras, seria um processo de desidentificação com a heterossexualidade vivenciado majoritariamente por mulheres cis, que expressam para seus amigos *queer* sua insatisfação e seu desejo de sentir desejo pelo mesmo sexo, de serem lésbicas. Entretanto, a acomodação com o lugar seguro da heterossexualidade na sociedade patriarcal capitalista contemporânea é maior que o incômodo provocado por essa existência hétero.

A própria autora, recentemente, substituiu o termo heteropessimismo por heterofatalismo, exatamente para enfatizar o caráter de uma negatividade associada à percepção da heterossexualidade. Esse heterofatalismo seria consequência de um heteroformalismo, ou seja, estruturas e objetos normativos que são voltados para a manutenção da heterossexualidade como norma, como algo inescapável.

Muitas autoras e autores do norte global desdobraram análises sobre o tema nos cenários estadunidenses e mesmo britânicos, invocando inclusive produtos da cultura pop que reforçam esses valores simultâneos de descontentamento e permanência. Ou como Ward (2020) ressalta ao falar da tragédia da heterossexualidade, a manutenção da cultura feminina de se reunir para falar mal do comportamento de homens, tendo na reclamação um *commodity* que ao mesmo tempo alimenta uma ideologia normativa, um tipo de feminilidade única e genérica, e a busca por reconhecimento de outros membros do coletivo. No contexto brasileiro, apenas em 2023 revistas femininas e colunas de jornais começaram a endereçar o tema com todas as letras. Entretanto, tal troca não funciona quando as interlocutoras são mulheres lésbicas, pessoas não-binárias, transsexuais, pois fica claro, pelo menos para um dos lados, a inexistência de um real desejo de

mudança. O heteropessimismo feminino se revela como um caminho cuja saída é se abrir para fora do universo heterossexual, algo que não é considerado pela maioria das mulheres afligidas por esse “mal”, pois o desejo de pertencimento e o desejo pela própria heterossexualidade é maior que o descontentamento.

OS PROBLEMAS DA HETERONORMATIVIDADE

Como afirmamos anteriormente, as identidades de gênero são performativas. Se, como afirmam Connel e Messerschmidt, a performance do feminino se dá através de uma “feminilidade enfatizada”, a masculinidade hegemônica, por sua vez, irá dizer da forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas. Para Dean e Fischer (2020, p.4), “heteronormatividade produz diferenças, conflitos e hierarquias entre heterossexualidades no nível de identidade, cultura e política”^[4]. Isso significa que casais heterossexuais brancos, de classes mais altas, estão em condições mais privilegiadas de representação política, econômica e cultural do que aqueles heterossexuais que são atravessados por questões de raça, identidade de gênero, classe social e até mesmo status marital. As heterossexualidades normativas são, conforme já é possível imaginar, brancas, ricas, detêm o poder e emulam um ideal de sucesso pessoal e profissional neoliberal.

Uma masculinidade, por exemplo, só se torna hegemônica “enquanto fornece uma solução a essas tensões (existentes nas relações de gênero)”^[5], tendendo a estabilizar o poder patriarcal ou reconstruí-lo em novas condições” (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p.272). Segundo os autores,

Masculinidades hegemônicas existentes empiricamente podem ser analisadas em três níveis: 1. Local: construídas nas arenas de interação face a face das famílias, organizações e comunidades imediatas, conforme acontece comumente nas pesquisas etnográficas e de histórias de vida; 2. Regional: construídas no nível da cultura ou do estado-nação, como ocorre com as pesquisas discursivas, políticas e demográficas; e 3. Global: construídas nas arenas transnacionais das políticas mundiais, da mídia e do comércio transnacionais, como ocorre com os estudos emergentes sobre masculinidades e globalização. (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 267).

Nesse leque de possibilidades, pensando no contexto brasileiro, nos deparamos com expressões como “esquerdo-machos”, como variações de masculinidades que buscam se distanciar de uma performance hegemônica do masculino, que é coloquialmente nomeada “masculinidade tóxica”, através de uma aderência a valores feministas, seja um feminismo neoliberal individualista - que produz homens e mulheres “hetero tops” -, seja um feminismo

progressista, que cria a ilusão de distanciamento ou insatisfação com o patriarcado, mas que na verdade segue vinculado a ele.

Tais configurações sinalizam para um questionamento constante e cada vez mais frequente sobre as diferentes performances da heterossexualidade e seus padrões. Como eles precisam ser pensados, problematizados não apenas por pessoas queer, mas pelos próprios heterossexuais. Uma perspectiva de reparação da heterossexualidade, tal qual imagina Ward (2020) através de uma heterossexualidade profunda, nos parece algo distante, ou mesmo um projeto fadado ao fracasso caso não desafie a própria estabilidade da heterossexualidade. Essas mudanças dependem da evolução nos processos de aceitação das diferenças dentro do próprio espectro hétero, da desconstrução das heterossexualidades, sejam elas masculinas ou femininas.

Os termos criados pelos indivíduos para fins de sociabilidade são estratégias de coexistência com essas diferenças, de abraçar outras formas de configuração de relacionamento entre homens e mulheres que estejam em consonância com a lógica progressista que atravessa as lutas por representatividade de diversas minorias sociais. A desfiliação com a prática da heterossexualidade não parece ser uma solução. Estratégias reparativas mais interessantes estão acontecendo a nível microssocial, nas relações entre os indivíduos, através de processos de desidentificação. Diferente da desfiliação, a desidentificação não nega suas origens, mas cria soluções e modos de existências nas fissuras da hegemonia da heterossexualidade. Comumente associado a vivências *queer*, é possível identificar processos de desidentificação também em vivências hétero.

José Esteban Muñoz publicou em 1999 o livro *Disidentifications. Queers of color and the performance of politics* apresentando o conceito de desidentificação para descrever as estratégias de resistência e sobrevivência utilizadas pelas pessoas queer em diversos lugares do mundo. Segundo o autor, “desidentificação permite o sujeito foco de uma ideologia a contestar as interpelações de uma ideologia dominante” (1999, p.168), ou seja, envolve práticas de reciclagem e reorganização de ideias contidas nos sentidos já culturalmente codificados, construindo novas possibilidades de existência para além da norma.

Obras audiovisuais contemporâneas, por estarem inclusive inseridas no contexto de um feminismo neoliberal, vão individualizar os problemas, com alguns insights em relação a questão macro deste contexto, mas sempre focando em personagens femininas, que por não conseguirem se encaixar nos padrões de performances do feminino estabelecidas pela heterossexualidade, sofrem. Sofrem solitárias, sofrem dentro de relações, numa lógica em que a única possibilidade de um “Final Feliz” é a solidão consciente. Neste artigo, vamos nos concentrar na análise da série britânica *Fleabag*, criada por Phoebe Waller-Bridge que atua como roteirista e interpreta a personagem principal, especialmente o arco narrativo da primeira temporada (2016).

FLEABAG – UMA MÁ FEMINISTA

Em *Fleabag*, a personagem título é acompanhada ao longo de 2 temporadas de 6 episódios cada uma, em suas aventuras sexuais na Londres do século XXI. Relações sexuais superficiais, angústias e quebra da quarta parede como forma “terapêutica” da personagem em lidar com os conflitos da própria existência são a principal tônica da primeira temporada, mais sombria e dramática. O cotidiano de uma mulher cis, presumidamente heterossexual, é acompanhado em todos os desencontros e descontentamentos afetivos que são claramente consequência da sua forma de exercer sua sexualidade. Tudo com uma pitada forte de humor, o espectador é convidado não apenas a rir das desventuras em série da personagem, mas, em última instância, a rir de si mesmo. O potencial de engajamento emocional é palpável e está disponível para quem quiser se associar a ele.

O primeiro episódio de *Fleabag* começa dando o tom tragicômico da personagem e apresentando a marca narrativa da série, a quebra da quarta parede. Esse formato, que já foi bastante utilizado em outras *sitcoms* norte-americanas, não propõe uma mera repetição de formato narrativo, mas sim um convite para o engajamento com uma personagem que transita numa zona moral cinza o tempo inteiro, seja em relação às suas relações familiares, afetivas, sociais. A *Fleabag* sempre escorrega, sempre falha, e se expõe em toda sua ambiguidade para o espectador, ao propor uma interação ativa com ele. Durante a primeira temporada, acompanhamos o processo de luto e os desequilíbrios dessa personagem, uma mulher adulta cis, solteira que vai ser relacionar com diferentes tipos de homens, e algumas mulheres, na Londres do final da década de 2010s.

Ela vai performar os conflitos contemporâneos dessa mulher cis solteira que escolhe se relacionar com homens, a partir de uma postura de deboche perante a realidade, a personagem tem um humor ácido e trata as situações pelas quais atravessa dessa forma, ao mesmo tempo que descortina a impossibilidade de ser uma feminista ideal, pelo menos pelos padrões neoliberais, se identificando como uma “má feminista”, ou seja, uma feminista que defende os direitos das mulheres, mas também deseja homens, deseja ter o corpo perfeito, a juventude eterna, dinheiro, sexo. E nesse turbilhão, trai a confiança da melhor amiga, fazendo sexo casual com o namorado dela, e provocando indiretamente a morte dessa amiga. É uma personagem que está lidando com uma culpa terrível pela morte da amiga e decide lidar com isso pela via da ironia, convidando o espectador a ocupar esse lugar de confidente. Então, é com ele que *Fleabag* reclama dos homens com quem sai, comenta da relação esquisita com a irmã, insere a dificuldade de se relacionar com outras pessoas a nível muito íntimo.

FLEABAG

Ok fuck it. I have a horrible feeling I am a greedy, perverted, selfish, apathetic, cynical, depraved, mannish looking woman who can't even call herself a feminist.^[6] (WALLER-BRIDGE, 2015, p. 24).

As diversas situações pelas quais a personagem passa são como estímulos de dupla afetação, visto que ao mesmo tempo que os espectadores são convocados a se identificar com ela, ocupando o lugar de confidentes, as situações, ações e escolhas da personagem produzem um estranhamento ou mesmo um incomodo. Essa ambiguidade desdobra num tipo de engajamento e identificação no público, que repercutiu não apenas no alcance internacional que a série teve, como também numa resposta positiva da crítica. Culminando nas premiações da segunda temporada de *Fleabag*, com 3 Emmys em 2019, incluindo melhor série de comédia, melhor atriz protagonista de série comédia e melhor roteiro de série de comédia. Esses elementos nos dão pistas de uma “espectatorialidade heteronegativa” e talvez uma reconfiguração da comédia romântica no contexto neoliberal contemporâneo.

A construção do arco narrativo da personagem, de ambiguidade e inconsequência para um certo confronto com o luto e com a culpa em diversas camadas, fragilizam todos os últimos laços que sustentavam essa personagem. A primeira temporada termina com a personagem em frangalhos, destruída, estranhada da família, finalmente assumindo para o espectador o motivo do luto com a perda da amiga, e se expondo para julgamento. Não é à toa que essa série é associada a um heteropessimismo^[7], visto que a trajetória de *Fleabag* é construída a partir de episódios-chave que produzem reconhecimento em diferentes mulheres hétero cis solteiras ocidentais. Na série, é encenada uma impossibilidade de se relacionar a partir do feminino com figuras de masculinidade, sejam homens desconhecidos para sexo casual, o ex-namorado que performa uma masculinidade dissidente, o gerente do banco em recuperação do seu ódio pelas mulheres, o cunhado pervertido e sexista, e mesmo o pai na sua fragilidade perante a força sexual da companheira.

Toda essa constelação de relações frustradas com figuras do masculino alimentam a sensação da personagem, partilhada verbalmente com o espectador de que é muito difícil ser uma mulher desejante na sociedade patriarcal contemporânea. Sempre haverá uma perda, uma falta. E a permanência de um desejo que precisa ser suprido, mas nunca será. Ser heterofatalista, na contemporaneidade, implica pensar que o único final feliz possível ou mesmo realista para uma mulher hétero cis é ficar sozinha, e feliz com isso. É sobreviver temporariamente às demandas da heteronormatividade. Enquanto a heteronorma deseja a perpetuação das relações monogâmicas, com traições permitidas apenas para homens, da procriação e da manutenção dos padrões de relacionamento, a realidade do século XXI é negativa e fatalista. É povoada por um desencantamento com a fábula heterossexual de soluções prontas para os “problemas” das pessoas, independente da sua identidade de gênero.

As regras pré-estabelecidas, construídas e impostas socialmente sobre o que é ser uma mulher hétero cis estão se desfazendo. Sendo incendiadas. Uma das alternativas possíveis para escapar dessa “prisão” emocional e metafórica estaria em abandonar a lógica de individualização de um problema coletivo, ou seja, ao invés de nos limitarmos a pensar que a heterossexualidade é um problema dos indivíduos, a solução possível seria expandir e pensar a partir de uma visão crítica da heterossexualidade como ela influencia diretamente outras formas de relação para além de si. É dar ênfase ao problema estrutural ao invés de destacar a escolha individual.

OUTRAS SEXUALIDADES POSSÍVEIS

Há uma sensação de que os heterossexuais precisam recomeçar do zero. E não há caminho ou resposta certa, apenas experiências de vida e traumas partilhados. Uma perspectiva de reparação da heterossexualidade, tal qual imagina Ward (2020) através de uma heterossexualidade profunda, ou seja, os homens hétero precisam amar as mulheres tal qual as lésbicas amam, nos parece algo distante, ou mesmo um projeto fadado ao fracasso caso não desafie a própria estabilidade da heterossexualidade. Essas mudanças dependem da evolução nos processos de aceitação das diferenças dentro do próprio espectro hétero, e da desmontagem das heterossexualidades, sejam elas masculinas ou femininas.

Sobre a dificuldade de identificar de que maneira a heterossexualidade está à espreita em nossas crenças sobre os nossos corpos, nas nossas relações familiares, no modo como nos relacionamos sexualmente, Hanne Blank faz um comentário curioso. Ela afirma que “como resultado de sua onnipresença, a heterossexualidade é como o ar, sempre à nossa volta e ainda invisível. Mas, como todos sabemos, o facto de podermos ver através do ar não significa que este não possa exercer força, empurrar as coisas e criar fricção”^[8] (BLANK, 2012, p. 12). A pesquisadora afirma que, aos poucos, teve que aprender na heterossexualidade “como um piloto de avião pensa no ar: como algo com uma presença real e tangível, algo que não só é capaz de, mas que está constantemente em processo de influenciar, se não de ditar, pensamentos, acções e reacções” (2012, p. 12)^[9].

Esse movimento implica também em compreender que a sexualidade não é algo estanque, ela é fluída e pode passar por mudanças ao longo da vida dos indivíduos. Nesse sentido, é fazer o exercício de interrogar o próprio desejo, como mulheres e homens cis que se identificam inicialmente como heterossexuais, e pensar em como este é endereçado no cotidiano. Através

da produção de desejo, de partilha e de troca com o desejo do outro, ou num lugar de falta. O desejo como prática não precisa se limitar a construções de gênero heteronormativas, ele pode ser livre para desejar e tem potencial de subverter expectativas de gênero. De dar uma resposta positiva para as angústias da heterossexualidade entendida como norma.

Ser uma mulher hétero é uma condenação, um destino inevitável? Talvez o “sofrimento” da mulher hétero cis seja um estado permanente, constante, cuja única saída é não ficar parada. É lutar contra a estrutura hetero patriarcal da sociedade, que repetidas vezes a coloca num lugar de subalternidade. É ativamente optar por não perpetuar esses lugares de poder, buscar alternativas, sair do lugar presumido que da heterossexualidade e explorar outras formas afetivas, construir outros laços. É se mover em direção a cuiridade possível, sabendo que não existe uma fórmula ou uma solução única. É uma angústia, uma exploração, uma descoberta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRY, Annabel; GODARD, Caroline; WARD, Jane. *Heteropessimism*. Post 45. Contemporaries Essays. 2023. Disponível em <https://post45.org/sections/contemporaries-essays/heteropessimism/> Acessado em 14 janeiro de 2024.

BLANK, Hanne. *Straight: The surprisingly short history of heterosexuality*. Beacon Press, 2012.

BOIANOVSKY KVELLER, Daniel; CRUZ BASTOS, Thalita; DIAS JR., Jocimar; MATSUURA, Junia; DAS NEVES, Diana; ODORISI, Matheus; PINHEIRO NEVES, Pedro; RAMOS, Mariana; REIS, Bruno. *A Tragédia da Heterossexualidade: Uma conversa com Jane Ward*. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, [S. l.], v. 6, n. 19, p. 120–139, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/14991>. Acesso em: 14 jan. 2024.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 6ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DEAN, James; FISCHER, Nancy. *Thinking straightness. An introduction to Critical Heterosexualities Studies*. In: The Routledge International Handbook of Heterosexualities Studies, (pp.1 - 17), 2020.

HOLZBERG, Billy; LEHTONEN, Aura. *The affective life of heterosexuality: heteropessimism and post feminism in Fleabag*. Feminist Media Studies, 2021.

- KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996.
- MUÑOZ, José Esteban. *Disidentifications. Queers of color and the performance of politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.
- RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades. Natal: v. 4, n. 5, p. 17-44, jan./jun. 2010.
- RUBIN, Gayle, *Políticas do Sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet*. Univ of California Press, 2008.
- SEIDMAN, Steven. *Critique of compulsory heterossexuality*. In: The Routledge International Handbook of Heterosexualities Studies, p.75 – 88 , 2020.
- SERESIN, Asa. *On Heteropessimism*. The New Inquiry. October 9, 2019. Acessado 13 fevereiro 2023. Disponível em <https://thenewinquiry.com/on-heteropessimism/>
- WALLER-BRIGDE, Phoebe. *Fleabag. Episode 1*. 2015. Acessado em 13 de janeiro de 2024. Disponível em https://thetelevisionpilot.com/wp-content/uploads/2018/07/Fleabag_1x01.pdf
- WARD, Jane. *The Tragedy of Heterosexuality*. New York: NYU Press, 2020.
- WARNER, Micheal (Org.). *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1993.
- WITTIG, Monique. *O Pensamento Hetero*. Trad. La pensée straight. Paris: Balland. 1980.

-
- [1] Versão de trabalho apresentado no ST Tenda Cuir do XXVI Encontro Socine, em Foz do Iguaçu. Novembro de 2023.
 - [2] Entrevista com Jane Ward, professora de Estudos Feministas na Universidade da Califórnia Santa Bárbara, realizada em 2021 pelo coletivo de estudos transdisciplinares Héteras Trágicas, e publicada na Revista REBEH em 2023.
 - [3] No original: “Heteropessimism consists of performative disaffiliations with heterosexuality, usually expressed in the form of regret, embarrassment, or hopelessness about straight experience. Heteropessimism generally has a heavy focus on men as the root of the problem. That these disaffiliations are “performative” does not mean that they are insincere but rather that they are rarely accompanied by the actual abandonment of heterosexuality.”
 - [4] No original: “heteronormativity produces differences, conflicts, and hierarchies among heterosexualities at the level of identity, culture, and politics”.
 - [5] Comentário e grifo nosso.
 - [6] Tradução: “Ok, foda-se. Tenho uma sensação horrível de que sou uma mulher gananciosa, pervertida, egoísta, apática, cínica, depravada e de aparência masculina, que nem consegue se chamar de feminista.”
 - [7] Um dos poucos artigos existentes sobre a relação entre heteropessimismo e cultura pop vai falar diretamente da série britânica como um produto audiovisual em que veria-se uma confluência do heteropessimismo e de um pós-feminismo. O texto é *The affective life of heterosexuality: heteropessimism and post feminism in Fleabag*, de Billy Holzeberg e Aura Lehtonen e foi publicado em 2021 no Journal Feminist Media Studies, 2021.
 - [8] No original: “As a result of this pervasiveness, heterosexuality is like air, all around us and yet invisible. But as we all know, the fact that we can see through air doesn’t mean it can’t exert force, push things around, and create friction.”
 - [9] No original: “I have had to learn to think about heterosexuality like an aircraft pilot thinks about the air: as something with a real, tangible presence, something that is not only capable of but is constantly in the process of influencing if not dictating thoughts, actions, and reactions.